

Quem resiste à lama?¹

Thatiana Zacarias Freitas²

Catarina Barbosa³

Jéssica Corona⁴

Marina Morgan⁵

Stênio Lima⁶

André Luís Carvalho⁷

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, MG

RESUMO

O rompimento da barragem de Fundão, da empresa Samarco, causou o maior desastre ambiental do Brasil, e teve consequências fatais e sociais graves, que levaram diversas famílias a ficarem sem lar. As localidades de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo foram devastadas pela tragédia. O ensaio fotográfico “Quem resiste à lama?”, da revista Curinga, produto da disciplina Laboratório de Impresso II, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, busca retratar, pelo olhar de cinco fotógrafos, parte do que hoje pode ser encontrado nesses locais, que faz com quem o vê possa imaginar, sentir o que um dia tenham sido esses subdistritos da cidade de Mariana, em Minas Gerais. O que restou, o que conseguiu “sobreviver” após a tragédia, o vazio social que ficou, o silêncio, os traços das lembranças e histórias das pessoas que viviam ali.

PALAVRAS – CHAVE: Mariana/MG; tragédia; fotojornalismo; Samarco

1 INTRODUÇÃO

Localizada na região conhecida como Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais, Mariana foi a primeira vila e, logo, a primeira cidade do estado. Fundada em 16 de julho de 1696, o município tem uma população estimada em 58.802 habitantes, de acordo com o censo 2015 feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), espalhada entre a área urbana e rural. Dentre as localidades das áreas consideradas rurais, duas delas são aqui representadas em forma de ensaio fotográfico: Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo.

No dia 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão da mineradora Samarco S/A se rompeu e levou, junto com sua onda de lama, quase a totalidade do subdistrito de Bento

Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Fotojornalismo (avulso/ conjunto e série).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: thatybiojor@gmail.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso Catarina Barbosa, email: catarinapbarbosa@gmail.com.

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso Jéssica Corona, email: jessscorona@gmail.com.

⁵ Estudante do 8º. Semestre do Curso Mariana Morgan, email: marinamorgancosta@gmail.com.

⁶ Estudante do 8º. Semestre do Curso Stênio Lima, email: steniohlimas@gmail.com

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso André Luís Carvalho, email: andrecarvalho1404@gmail.com.

Rodrigues, e também boa parte do subdistrito de Paracatu de Baixo. Soterradas pelos rejeitos, foram mortas 19 pessoas, perdidas muitas histórias, identidade, cotidiano, locais e memórias. Diferentemente da sede do município, Mariana — que tem na atividade mineradora sua maior fonte de renda —, os subdistritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo não dependiam exclusivamente da mineração, mas foram os locais que mais sofreram com as suas consequências.

Em Bento Rodrigues, que contava com 307 anos de história e onde antes existia uma comunidade ativa, que criava seus animais, cultivava grande parte dos alimentos que consumia, e participava das diversas atividades religiosas, culturais e de lazer do subdistrito, resta apenas o denso rastro da lama. Do bar da Sandra sobrou apenas o barro e algumas ruínas. Garrafas e pratos quebrados, dois fogões à lenha destruídos.

Além do bar, a principal igreja católica de Bento também não existe mais. A capelinha de São Bento, do século XVIII, é um dos mais antigos bens culturais e está relacionada com a própria origem da comunidade. Palco de casamentos e batizados, da Igreja vê-se apenas o chão sujo de terra. O teto e as paredes, já acostumadas às aulas de catecismo e às preces, tombaram e desapareceram pela força dos rejeitos. Da mesma forma, a lama destruiu a Escola Estadual de Bento Rodrigues, que dispunha de um laboratório de informática, almoxarifado, salão de jogos e ademais, servia como local de reuniões da Associação de Moradores do subdistrito, palestras de saúde, campanhas de vacinação e até como hospital, uma vez que através do convênio com o Programa Saúde da Família, alguns médicos realizavam consultas no local.

Paracatu de Baixo também teve grandes perdas. A Folia de Reis, movimento típico da região, não sabe mais como vai continuar: pandeiros, xique-xiques, reco-recos, bandeiras, todos os instrumentos foram lavados pela água suja e se perderam ao longo do caminho. A comunidade rural que antigamente era repleta de plantações e criações hoje está soterrada.

O ensaio fotográfico "Quem resiste à lama", produzido por cinco alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, durante a elaboração da revista Curinga, busca mostrar o que ainda restou dos locais que hoje se tornaram apenas lembranças daquilo que chegaram a ser um dia. Dentre toda a destruição, eram visíveis alguns resquícios da vida que antes pulsava ali: casas, móveis, peças de roupas, utensílios, brinquedos. O ensaio examinou a região afetada para encontrar (e expor) nesses pequenos detalhes a memória de um passado recente que foi levado junto com a lama. Foram cinco

meses de trabalho que resultaram na escolha de apenas doze imagens das mais de seis mil produzidas pelos fotógrafos Thatiana Zacarias Freitas, Catarina Barbosa, Jéssica Corona, Marina Morgan e Stênio Lima.

O ensaio foi construído de forma a que a “realidade” possível e acessível, uma pequena parcela de tudo o que foi visto pela equipe fotográfica da Curinga, saltasse aos olhos. O registro fotográfico busca expressar uma pequena parte do que foi experimentado nos dias de cobertura. Bassalo e Weller (2011, p.285) falam que as imagens, com seus signos e significados, têm maior impacto em relação a outras narrativas (como aquelas somente textuais), uma vez que produzem sentimentos, identificação, favorecem lembranças, disparam a imaginação, a introspecção, entendimentos, anunciam ou denunciam uma realidade, evocam memórias pessoais e visões de mundo.

A narrativa fotográfica que se faz presente neste ensaio tem como objetivo descrever o estado de transformação do ambiente pautado no "estabelecimento de sequências temporais que constroem sentidos de continuidade, vinculando presente, passado e futuro" (MOTTA, 2003). Sendo assim, o ensaio contém uma série de imagens que exibem uma sucessão de aspectos, que remetem a suas causas (o passado), denunciam sua devastação (o presente), e questionam seu futuro (o que está por vir).

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo Geral

A Edição Especial da Revista Curinga tem o intuito de narrar, por meio desse ensaio fotográfico, o que resistiu à lama; como rastro, um grito do que restou, e denúncia do teor da tragédia, sua dimensão. O ensaio pretende mostrar, de forma mais explícita, “o que” e não “quem” resiste. Entendendo serem essas marcas, essas duras sobras índices de quem lá viveu antes do rompimento da barragem da Samarco, e de que lá a vida por muito tempo acabou. Os rejeitos da mineração atingiram inicialmente o subdistrito de Bento Rodrigues e em seguida Paracatu de Baixo, passando por outras cidades mineiras, chegando ao Espírito Santo e depois ao mar.

“É o momento de lembrarmos que o documento fotográfico é uma *representação a partir do real*, uma representação onde se tem registrado um aspecto *selecionado* daquele real, organizado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente. O

chamado testemunho fotográfico, embora registre em seu conteúdo uma dada situação do real - o referente - sempre se constitui numa elaboração, no resultado final de um processo criativo, de um modo de ver e compreender especial, de uma visão de mundo particular do fotógrafo; é ele que, na sua mediação, cria/constrói a representação.” (KOSSOY, 2002, p. 59).

Sendo assim, seguindo o conceito de Kossoy que remete a fotografia como uma representação resultante do processo de criação e construção do fotógrafo, a partir do seu repertório pessoal e filtros individuais, o ensaio “Quem resiste à lama” é um registro, um testemunho, mas também é criação, e utilizou a sensibilidade e principalmente o olhar dos fotógrafos para produzir uma seleção de fotos com índices e significados de resistência das localidades atingidas pela lama da Samarco.

2.1 Objetivos Específicos

- Questionar e provocar o que resistiu por onde a lama passou e deixou a sua marca, como as estruturas sucumbidas, os objetos pessoais deixados para trás, os utensílios domésticos, a fé e até mesmo os animais.
- Denunciar a tonalidade marrom e a textura, silenciosa e vazia, causada pela lama.
- Mostrar a dimensão da destruição, dos detalhes (objetos pessoais) necessariamente deixados para trás, aos planos abertos e severos da devastação.
- Buscar, com a inevitável ausência de personagens humanos, os traços sobreviventes de uma história devastada, e por eles suscitada, reclamada.

3 JUSTIFICATIVA

O ensaio “Quem resiste à lama?” faz parte da 16ª edição da revista Curinga, produto da disciplina de Laboratório Impresso II, do curso de Jornalismo da UFOP. Ele teve o desafio de trazer para suas páginas uma parte das consequências e reflexões a respeito do rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco S/A, como forma não só de sensibilizar o leitor do ocorrido, mas também de o informar acerca da dimensão e vieses da tragédia.

Cada fotógrafo teve o desafio de abordar o tema de uma forma que buscasse não repetir o que já havia sido publicado por outros veículos de comunicação, mas ao mesmo

tempo sem perder o compromisso com a realidade encontrada e com a proposta da narrativa a ser construída.

A produção do ensaio se iniciou nos dias posteriores à tragédia, em novembro de 2015, e se desenvolveu até março, mês do fechamento da revista. Como o curso é situado na cidade de Mariana, as imagens propostas por cada fotógrafo trazem não apenas o olhar de estudantes de jornalismo, pois temos consciência de que a essa identidade se soma às de moradores da cidade e agentes sociais, que somos, e por consequência lidam inevitável e diariamente com a tragédia e seu impacto para o município. O resultado do ensaio mostra o compromisso que cada aluno teve em lidar com um tema delicado e de repercussão nacional.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Ao encarar o cenário pós-tragédia, os fotógrafos buscaram trazer para o ensaio imagens que dissessem sobre a resistência da memória afetiva e de índices, pistas, agora lembranças da presença humana nas localidades de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo. Os estudantes foram orientados pelo professor André Luís Carvalho, responsável por acompanhar o processo fotográfico, além dos professores Frederico Taveres, no texto, e Lucília Borges, no design. Os três sempre atuando em fina sintonia e complementaridade.

Após um breve estudo de referências visuais para a composição das fotografias e sua distribuição nas páginas, chegou-se à 7ª edição da Revista Serrote, que traz o ensaio **Região Serrana**¹ do fotógrafo Edu Marin. Fotógrafos e diagramador tomaram a revista como principal referência para suas produções, sempre aprimorando e adequando às realidades fotografadas. Alterando entre uma, duas e três fotos por página, a escolha da diagramação se deu em função de cada cena. Cenas mais abertas ocuparam páginas inteiras, enquanto recortes em detalhe ou planos mais fechados se juntaram a outras fotos na composição de três páginas, das sete que compuseram o ensaio.

O título "Quem resiste à lama?" questiona e introduz uma nova questão para as fotografias, uma vez que ninguém resistiu não há moradores dos subdistritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo resistentes nas imagens. Esses, por sua vez, resistiram apenas como sobreviventes, com a possibilidade de (re)construção de uma nova história,

¹Ver aqui <http://www.revistaserrote.com.br/2011/06/edu-marin/>. Acesso em 8 de maio de 2016

ainda obscura, As fotografias apresentam traços do que foi a presença humana nesses espaços.

A escolha por trazer para o ensaio apenas duas das localidades mais atingidas no município de Mariana permitiu-nos optar pela não diferenciação de cada lugar, já que todos são atingidos. Cada um a seu modo e especificidade, é verdade, e devidamente tratados pelas diversas matérias da 16ª edição da Curinga. Por não contemplarmos outros espaços como Camargos, Pedras, Ponte do Gama e Campinas, reduzimos a informação ao que se pode ver e sentir de cada fotografia que, em linhas gerais, também espera-se que possamos representar a destruição de outras comunidades.

As fotos são apresentadas em cor, com predomínio do marrom da lama, marcante também nos cenários fotografados. As imagens foram produzidas em ambiente aberto e externo, utilizando apenas iluminação natural. Por questões de segurança e locomoção, os fotógrafos puderam permanecer nas localidades em períodos curtos e apenas durante o dia, situação que limitou as possibilidades fotografadas nos lugares descritos.

O processo de edição se iniciou após cada saída de campo dos fotógrafos. O estudante trazia sua seleção (entre 20 e 30 fotos pré-escolhidas, em média; quando o material fosse promissor, o limite era desfeito) para a apreciação do professor orientador e dos editores de fotografia. Em um processo conjunto, professor e editor analisavam o trabalho do fotógrafo, sugerindo novas possibilidades informativas, técnico-expressivas, estéticas, éticas e de composição, além de selecionar as fotografias que se encaixavam à proposta inicial, balizada pelo título “Quem resiste à lama?”. Em conjunto, a diagramação aplicava as fotos às páginas como um teste, que visava uma unidade de linguagem e a construção de uma narrativa para o ensaio.

À medida em que as fotos chegavam, e eram selecionadas, passavam na sequência por um breve tratamento, feito com o programa Adobe Photoshop Lightroom, no qual foram feitos ajustes básicos como sombra, contraste e brilho, prezando sempre pela menor interferência possível. Vale destacar que, por problemas de atualização dos softwares, há mais de 5 anos, a versão do Lightroom usada sequer permitia visualizar as fotos em RAW.

Todos os estudantes da disciplina de Laboratório Impresso II envolvidos com a fotografia da Revista Curinga tiveram acesso aos equipamentos fotográficos disponibilizados pela Universidade Federal de Ouro Preto, nas instâncias do curso de Jornalismo. No ensaio, dois dos fotógrafos optaram por utilizar, além do equipamento básico disponibilizado, ferramentas próprias na construção das fotografias.

Em linhas gerais, foram utilizados os seguintes equipamentos:

- 4 Câmeras Canon T5i (equipamento fornecido pela Universidade);
- 1 Câmera Nikon D7100;
- 1 Câmera Canon T4i;
- 4 Objetivas Canon 15-135 mm, f/3.5-5.6, IS STM
- 1 Objetiva Canon EF - 50mm – f/1.8
- 1 Objetiva Nikon DX 18 - 105 mm;
- 1 Objetiva Canon 70-200mm f/2.8;
- 4 Flash Canon 600 EX Speedlite
- Computador iMac para edição das fotos e diagramação, e
- 6 Cartões de memória 32 GB.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O acidente, que deixou mais de mil pessoas sem casa, mudou o rumo da Revista Curinga. Após o maior desastre ambiental do Brasil, a revista, que já estava com sua “boneca” pronta, pautas distribuídas, se viu obrigada a mudar toda a estrutura. Ela, que normalmente tem duas edições por período, foi transformada em edição especial, a primeira desde sua implantação. Esse foi um marco em sua história, apesar da tragédia que atingiu o município de Mariana.

Uma revista como a Curinga não poderia se abster da cobertura de um acontecimento desses, ainda mais no próprio “quintal”. Trabalhar a Curinga relacionada à tragédia era uma oportunidade de aprendizado e um serviço de grande relevância socialmente.

No dia 9 de novembro, a ânsia por fazer um jornalismo factual percorria as veias de cada aluno e, em pouco tempo, toda a revista foi reorganizada, pautas selecionadas, e todos começaram a se movimentar. O ensaio, com tema “Quem resiste à lama?”, foi vislumbrado, como forma de ilustrar o que resistiu os sobreviveu à catástrofe que envolveu, entre outras tantas localidades, os subdistritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo.

O visual, aquilo que se vê, é apropriado pela pessoa. No caso das fotos do ensaio, elas trazem para os leitores da Curinga uma aproximação com a tragédia, já que não é possível a todos ter acesso aos locais. De acordo com Lisovsky e Jaguaribe:

“A hipervisibilidade contemporânea encontra suas raízes no desejo propriamente moderno de apropriar-se do mundo através do olhar. De fato, à ‘modernização’ da cultura e das sociedades, correspondeu uma crescente secularização do invisível. O domínio do invisível, antes associado ao oculto, ao misterioso e ao mágico, torna-se um território desencantado, virtualmente anexável ao visível graças ao desenvolvimento da ciência e da técnica. Desde o século XIX, a fotografia desempenhou um papel importante neste desvelamento do mundo, pois foi logo percebida, à diferença de outras imagens, não apenas como um meio de ‘representar o mundo visível’, mas de ‘tornar o mundo visível’.”(LISSOVSKY E JAGUARIBE, 2006. p.89)

E é isso que o ensaio se propõe fazer, tornar visível as marcas deixadas pela lama, e aproximar os leitores da tragédia, através de um recorte realizado e idealizado pelo olhar dos fotógrafos para as marcas deixadas nos subdistritos de Mariana/MG.

As equipes de repórter, diagramador e fotógrafos foram separadas, e no dia 21 de novembro, aqueles responsáveis pelo ensaio foram a Bento Rodrigues, acompanhados pelo Corpo de Bombeiros. Lá, a emoção foi grande, todos se contiveram para conseguir realizar o trabalho: captar imagens que mostrassem o que conseguiu resistir à fúria da lama. Assim como os fotógrafos tiveram que resistir ao cheiro forte, calor intenso, e à lama ainda afundando, objetos, paredes, retratos, brinquedos, e muitos outros, ainda perduravam em meio a ela, que recobria quase a totalidade do subdistrito.

Nos dias 5 de dezembro, 12 de dezembro, 12 de fevereiro e 3 de março, os fotógrafos retornaram a Bento Rodrigues. Nos dias 28 de novembro e 18 de fevereiro, foram feitas as fotos que retratam a situação de Paracatu de Baixo. Os acessos a tais localidades, apesar do apoio da UFOP, e da sempre receptiva acolhida do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, sempre esteve restrita aos conflitos de responsabilidade e atuação sobre as normas de segurança estabelecidas para tanto.

A seleção das fotos que entraram no ensaio foi um desafio grande para os editores e fotógrafos. Além do significado que os fotógrafos procuraram mostrar em todas as imagens, os alunos também buscaram um olhar diferente, que pudesse levar o leitor a perceber a tragédia além do que já havia sido mostrado. Dessa forma, a cada reunião de equipe, uma

nova seleção era feita, até chegarmos à seleção final de 12 fotos, divididas em foto em página inteira, ou mais de uma por página, que casou com a diagramação proposta.

6 CONSIDERAÇÕES

A tragédia que mudou o rumo da revista Curinga, foi um desafio para toda a equipe de fotógrafos. Visitar as localidades atingidas pelo tsunami de lama, não os desgastou apenas fisicamente, devido ao calor, o cheiro e a lama, que em alguns locais ainda estavam moles. O esgotamento foi também psicológico, já que as localidades pareciam cenário de pós guerra.

É importante ressaltar que os alunos tiveram o cuidado de trabalhar com ética durante todo o processo fotográfico, buscando exercer a função social do jornalismo, mostrando de forma direta o que sobrou de parte de muitas histórias que lá não existem mais, sem modificar as cenas fotografadas nos locais, utilizando apenas as técnicas e métodos fotográficas aprendidas no decorrer do curso para retratar o ocorrido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1984.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; WELLER, Wivian. **Imagens: documentos de visões de mundo**. Sociologias, Porto Alegre, ano 13, no 28, set./dez. 2011, p. 284-314.

IBGE. Minas Gerais >> Mariana (Banco de Dados). Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=314000>>. Acesso em 27 abril de 2016.

JAGUARIBE, Beatriz; LISSOVSKY, Mauricio. Imagem fotográfica e imaginário social. ECO-PÓS- v.9, n.2, agosto-dezembro 2006, pp.88-109.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia, SP: Ateliê Editorial. 2002.

KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo. Ateliê Editorial. 4ª Edição. 2009.

KOSSOY, Boris. *História e Fotografia*. 2. ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.

MOTTA, Luiz Gonzaga. O jogo entre intencionalidades e reconhecimentos: pragmática jornalística e construção de sentidos. *Comunicação e Espaço Público*, Brasília, DF, ano 6, n. 1/2, p. 7-38, 2003. Disponível em: <http://www.fac.unb.br/site/images/stories/Posgraduacao/Revista/Edicoes/2003_revista.pdf>.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

VITOR, Sara Lemes Perenti. *Bressonianos: comprovando a influência do fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson sobre fotojornalistas brasileiros atuais*. 2012. 116 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/89397>> Acesso em 22 de abril de 2016.